

# O pintor de almas

Dom Lourenço  
de Almeida Prado \*

**C**reio que é Konrad Lorenz, em *Os Oito Pecados Capitais de Nossa Civilização*, ao considerar o "tédio mortal" que a atinge, que vê, na prática corrente das nossas escolas de não impor, aos alunos, qualquer tarefa que exija algum esforço, a causa da atmosfera de irracionalidade generalizada em que vive a nossa sociedade. Acontece que sem esforço não se chega à alegria. Por isso o homem de hoje é capaz de conhecer *la jouissance*, isto é, o prazer (e direi, é ávido dele), não, porém, *la joie*, a alegria. A verdadeira alegria é uma conquista.

Por outro lado, o homem precisa de alguma alegria para viver. Se não encontra a verdadeira, procura sucedâneos. Que é a droga, senão uma fuga ao tédio? Que significam as ruidosas celebrações juvenis em que o homenageado — parainfo ou colega aniversariante — é festejado com um banho de talco (quando não for a quebra de um ovo em sua face), isto é, situações de constrangimento e humilhações, senão a perda do senso da alegria grata e comunicativa, o senso da jubilosa congratulação?

Todos falam que a nossa escola vai mal. É fato indiscutível. Não só no Brasil, mas por toda a parte. O que é estranho é que ninguém desconfie que as práticas atuais — como essa idéia de que a escola não deve exigir esforço — não estão dando certo. Parece que a escola (ou os seus condutores) sofre uma espécie de complexo (de culpa) de ser tida por chata. E faz tudo para mudar a sua face: não aceita o livro que não seja entendido à primeira leitura, nem a lição que requiera atenção ou empenho, menos, ainda, que se exija uma certa postura, no trajar, no dialogar, no sentar, no entrar e sair. Nada pode ser exigido com o intuito de criar o ambiente de seriedade e trabalho, que torna a sala de aula diferente de uma reunião de fim de semana em Cabo Frio ou do Rock-in-Rio no Maracanã. Nada deve ser difícil, tudo permitido. A palavra mágica é tolerância; o que importa é ser compreensivo.

Será carência preocupar-se com essas coisas? Ou a apreensão de alguém que não quer reconhecer o novo modelo da juventude de hoje? Será, então, a mesquinhez mental de valorizar em excesso as pequenas coisas? É bom desconfiar que não. A escola vai mal e é possível que as pequeninas coisas tenham muito com isso. A escola é tecida de encontros humanos apoiados em pequenos nada. As pequeninas coisas são sinais que levam às grandes. Nonadas não são nada.

O homem, que é um ser comunicativo (a educação é uma forma, e das mais vivas, de comunicação), ele o é por sinais. É por sinais que leva o seu pensamento à mente do outro e recebe dele a resposta. Dos sinais, o principal é a palavra. Mas eles se multiplicam e são fundamentais para a comunicação. A nossa vista não atinge a alma do outro diretamente, mas por meio de realidades sensíveis que, funcionando como sinais, conduzem ao espiritual. É por meio de um sorriso, de um trejeito de face, de um gesto ou de uma troca de olhar, que nossa alma vê e encontra a alma do outro.

Infelizmente, não se avalia bem, hoje, o valor dos sinais e, particularmente, não se adverte para a densificação das coisas pequenas, quando elevadas à nobreza de sinais. Isso ocorre, sobretudo, em relação ao conjunto dos sinais convencionais, ou semiconvencionais (entre eles a própria palavra), pois, na busca da ruptura com a tradição, a convenção é maldita. E a atividade educacional sofre com isso. Tudo começa pelo uso empobrecido das palavras. Repudia-se o nome certo, o nome preciso. Tudo é coisa. Ou, como preferia um professor de reciclagem em português, há uns anos atrás, ao repetir, numa conferência, 43 ou 47 vezes, a palavra troço. Havia para tudo: troço para escrever, troço para sentar, troço para comer. Testemunhava, a um tempo, mau gosto e debilidade mental. O problema, ainda, é mais grave com os adje-

tivos; não se varia mais entre o *belo*, o *bonito*, o *gracioso*, o *elegante*; tudo é indistintamente *bacana*. Enfim, fixa-se na linguagem que não diz.

Mas não fica só na linguagem das palavras, mas suprime-se, por inteiro, a linguagem dos sinais. Antigamente, o educador chegava à alma da criança, por meio das práticas chamadas "Boas Maneiras". Hoje, isso é carência. E, como cada detalhe desse conjunto é um dado pequeno, é fácil destruí-lo colocando-o no ridículo; "esse professor dá importância ao modo de sentar ou ao cabelo do aluno; isso é ridículo". E fica o professor de mãos e braços cortados. Como chegar à alma, se lhe tiram os meios?

Foi o que quis explicar, numa história que inventei. História de um grande artista, festejado como pintor de almas; de seus quadros, as almas como que saíam vivas da tela. Acontecia, porém e não raro, que, quando estava pincelando um quadro, o pintor se detivesse longamente no delineamento de um cílio ou das curvas dos lábios de um sorriso que se entreabria. Nessas ocasiões, os discípulos, afoitos e impacientes, não se continham: "Pinta logo a alma; para que perder tempo num detalhe que ninguém vai ver?" O velho respondia, sabendo de antemão não ser acreditado: "É por aqui que chegarei lá; é pelo cílio e pela curva dos lábios que a alma será vista."

O educador é esse pintor. Pelas coisas pequenas, pelas boas maneiras, chega às almas. Pelas minúcias externas, chega às grandezas interiores.

Estas reflexões querem chamar a atenção para uma das raízes de crise na educação moderna. Uma das razões pela qual vai mal a educação. Sem os instrumentos de comunicação ou proibido de usá-los, sob a ameaça do epíteto de retrógrado, o educador, que se intimida, fica inibido e perplexo: perde a coragem de educar. Assim, a atividade educativa, que embora seja apenas uma ajuda (não uma conscientização) é muito importante, deixa de existir. O educador, acuado pelo olhar "pedagógico" — olhar de censor —, não sabe o que fazer. Ele, como o médico — educação e medicina são artes *cooperativae naturae* —, fica frequentemente entre agir ou não, cada alternativa com seu risco. Se tem a sorte de acertar, é elogiado; se lhe falta a sorte, é considerado um vil. Por isso, é preciso ter coragem para educar.

O diretor do Colégio Militar é posto no patíbulo, porque, para dar solenidade a uma festa, quer manter o *sinal*, o uso da gravata; a diretora de um colégio é injuriada pela imprensa, porque entende que uma certa postura, numa certa medida no cabelo, prevista no Regulamento, é necessária ou, ao menos, proveitosa para compor um ambiente sério de sala de aula.

Não sei se um ou outro exagerou. É possível. A vestal modernosa da educação não se preocupa em investigar o contexto do caso, o capricho e a obstinação que possa haver. Não hesita: "Em pleno ano de 1992, perde tempo com assuntos velhos." Tem que ser o pintor que pinta a alma, sem pintar os cílios. Nem alma, nem cílios — e a educação vai mal. Parodiando Rui, podemos dizer: mocidade voluntariosa não chega à virilidade sensata.

A palavra é tolerância. Já Claudel lembrava, referindo-se à tolerância: *il y a des maisons pour ça*.

E, a propósito dos cabelos, é bom recordar a observação de um historiador: as modas masculinas exibicionistas, surgidas através da história, nunca duraram muito, nunca prevaleceram. A experiência sadia não esconde que, no jogo masculino/feminino, o homem é mais olhar, a mulher é mais mostrar. Acrescentarei, à maneira Nelson Rodrigues: isso acontece com o homem e a mulher normais; os neuróticos conscientizados são diferentes. Cabelo é um sinal. Como sinal, poderá significar coisas grandes ou levar a elas. Tanto que se briga por ele.